

Carta de Paulo

Aos

ROMANOS

(5º ESTUDO)

QUEM CONDENA

É CONDENADO

ROMANOS 2.1-16

REV. SILAS MATOS PINTO

5º - QUEM CONDENA É CONDENADO!

Rm 2.1-16 - No passado, em muitos países, as execuções de criminosos ocorriam nas praças, sendo vistas por todos. Era um modo de mandar um recado à população: caso fizessem o mesmo, seriam punidos da mesma forma. O problema é que muitos daqueles que assistiam as execuções, e as aplaudiam, eram os próximos a serem executados.

Um dos grandes problemas nos relacionamentos são os julgamentos. Na sua maioria, as pessoas são complacentes com seus próprios erros, mas duras quanto aos erros alheios. Observam detalhes da infidelidade alheia, mas fecha os olhos para não ver a sua própria infidelidade e suas falhas.

Os julgamentos são feitos de modo muito duro. As pessoas gritam, xingam, apontam o dedo e ferem o acusado. No momento da ira se tornam brutais, irracionais e violentos, mas passado aquele momento, percebem que erraram no seu julgamento, e mais, também poderiam estar no lugar do acusado.

Criticamos a demora nos julgamentos. É verdade que a justiça é lenta, mas a demora nos julgamentos visa obter um relatório real das motivações para o crime e conseguir um julgamento justo. *“As águas turvas impedem de ver o que há no fundo do rio”*. Julgamentos feitos no ato do crime falhariam na aplicação da justiça. Passada a emoção, aí sim, se vê que o acusado nem sempre é o culpado. O criminoso pode ser outro.

Essa perícupe trata sobre julgamentos. Julgamentos nem sempre são justos. Esse texto tem como objetivo nos ensinar...

O MODO CERTO DE JULGAR.

Em primeiro lugar veremos que: **NINGUÉM ESTÁ HABILITADO A JULGAR O PRÓXIMO** - *“Portanto, és indesculpável, ó homem, quando julgas, quem quer que sejas; porque, no que julgas a outros, a ti mesmo te condenas; pois praticas as próprias coisas que condenas”*.

Um ditado popular diz: *“O macaco se assenta sobre o próprio rabo e critica o rabo grande dos outros”*. Em síntese, esse ditado quer dizer que pessoas observam e julgam os defeitos e erros dos outros, porém fecham os seus olhos para não ver os seus próprios erros e não julgam a si mesmas.

Entre seus ensinamentos, em Mateus 7.1-5, Jesus trata sobre esse tema. Ele diz: *“Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois, com que critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também. Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu? Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão”*.

Com essa preocupação em mente Tiago disse: *“Sabeis estas coisas, meus amados irmãos. Todo homem, pois, seja*

pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar. Porque a ira do homem não produz a justiça de Deus”.

O objetivo do julgamento é fazer justiça. O julgamento movido por raiva ou ira, se realizado no momento do crime ou do pecado, seria motivado pelo desejo de vingança. A vingança não é o alvo do julgamento, mas a correção, a recuperação e a mudança da vida do acusado, principalmente quando se trata do julgamento de um crente, na Igreja, que é o alvo deste estudo.

No Salmo 37.7,8, temos um alerta quanto à impaciência produzida pela ira e desejo de vingança: *“Descansa no Senhor e espera nele, não te irrites por causa do que leva a cabo os seus maus desígnios. Deixa a ira e abandona o furor; não te impacientes; certamente isso acabará mal”.*

O crente deve ser motivado pelo amor cristão em todas as áreas da sua vida, principalmente na hora de jogar um irmão que fez algo de errado e pecou contra Deus. O amor de Deus foi revelado a nós quando Cristo, na cruz, deu a sua vida. O inocente pagou pelo pecado de culpados. Nós somos culpados.

Quando, pessoalmente, julgamos irmãos e até mesmo a ímpios, declarando sua condenação, fazemo-nos juízes. Tomamos para nós a posição que pertence a Deus. Nos esquecemos que nós também somos passíveis de condenação.

Para nos alertar sobre esse risco, Tiago disse: *“Pois qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, se*

torna culpado de todos. Porquanto, aquele que disse: Não adulterarás, também ordenou: Não matarás. Ora, se não adulteras, mas matas, vens a ser transgressor da lei” (Tiago 2.10,11).

Quem quebrar a lei é condenado, independente do item da lei que quebrou, assim está descrito nas Escrituras. Como todos nós, de algum modo pecamos, todos somos condenáveis.

Em Romanos 6.23, lemos que *“O salário do pecado é a morte”*. Como pecamos, todos nós deveríamos receber a pena capital: A Morte. Nenhum homem ou mulher escaparia dessa condenação. Somos todos culpados.

Ouvimos falar muito sobre milícias. Elas são formadas, em sua maioria, por policiais e homens de bem da sociedade que, insatisfeitos com a justiça oficial, se fazem, por si mesmos, agentes de justiça, fazendo justiça com as suas próprias mãos. Tornam-se justiceiros.

Os justiceiros se toram tão criminosos quanto os criminosos que matam, fazendo justiça com as próprias mãos. Assim acontece com o crente que julga os outros irmãos quando erram: Tornam-se justiceiros. São tão culpados quanto os pecadores que condenaram.

Sendo assim, então, quem poderia julgar? O texto estaria dizendo que criminosos e pecadores não deviam ser punidos? Não é isso que o texto está afirmando, entenda.

Antes do julgamento o juiz é proibido de dizer a sua decisão, pois estaria fora do fórum competente para julgar. O juiz, quando se assenta na cadeira do magistrado, toma para si a autoridade que lhe foi atribuída, e, baseado na lei, ele julga. Fora do tribunal ele é uma pessoa comum, sem o direito de julgar.

Entenda a diferença: Estamos falando do julgamento particular. Eu, como pessoa, não sou apto a julgar, mas se eu for o juiz, aí, sim, estaria apto. O juiz só pode julgar quando lhe for dada a autoridade de julgar.

Veja como Paulo disse: *“Quem quer que seja”*. Não importa quem tu és ou a posição que ocupas na Igreja. Fora do tribunal competente você não é autorizado a fazer qualquer julgamento de outro irmão. Você pode exortar e corrigir, mas julgar não te é permitido.

Lembram-se do que nos ensina em Mateus 18.15-20? Em síntese, diz, que se teu irmão pecar contra ti, vá a ele. Se ele não te ouvir, vá com uma testemunha. Se mesmo assim ele não se corrigir, então, *“Dize-o a Igreja”*, tratando-se do colegiado competente para julgar. Se o Conselho, no caso da Igreja Presbiteriana do Brasil, julgá-lo e ele não se corrigir, *“Considera-o como gentio e publicano”* e termina dizendo: *“Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles”*. No julgamento de um irmão, num fórum competente, o próprio Deus estará presente para o julgamento.

O Conselho se transforma em tribunal, com regras próprias de um julgamento, para julgar os pecadores impenitentes. Na Igreja temos esse fórum competente para tratar de julgamentos de membros da Igreja. Sendo assim, nem Pastor, nem Presbíteros, nem Diáconos ou muito menos os membros estariam aptos a julgar fora deste fórum competente.

Em segundo lugar veremos que: **O JULGAMENTO EXIGE MISERICÓRDIA** - *“Bem sabemos que o juízo de Deus é segundo a verdade contra os que praticam tais coisas. Tu, ó homem, que condenas os que praticam tais coisas e fazes as mesmas, pensas que te livrarás do juízo de Deus? Ou desprezas a riqueza da sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento?”*

Já vimos que nenhum homem ou mulher estaria apto a julgar, seja ele *“quem quer que seja”*. Porém, o juiz, imbuído da autoridade, não julgando segundo o seu modo de pensar, mas dirigido por uma lei superior, julga os acusados.

O objetivo do julgamento visa punir o culpado, o criminoso. No caso dos membros da Igreja o objetivo do julgamento não é punir, mas recuperar o culpado. É fazer com que ele retome o caminho de santidade. É que se arrependa.

Nosso julgamento aconteceu na cruz. Ele condenou os homens, em Jesus Cristo. Seu objetivo, no julgamento dos membros da igreja, quando pecam, sendo eles as pessoas por

quem Cristo morreu, não é condená-los de novo, pois já foram condenados em Jesus, na cruz, mas recuperá-los e salvá-los da triste condição de pecado, na qual novamente caíram.

Quando Deus julga ele o faz segundo a verdade, ou seja, de acordo com Seu coração puro, sem pender para os lados, e o faz com o intuito de corrigir, induzindo-os às mudanças.

O julgamento de Deus é cheio de misericórdia. Misericórdia é uma palavra que vem do hebraico: CAD. Dessa palavra deriva: Cadeia e cadeado. É aquela peça de madeira usada pelos senhores de escravos para prender e castigar os negros, onde seus pés e mãos ficavam presos.

CAD, na cultura hebraica, era a cadeia que prendia o condenado antes da sua execução. Soltá-lo do CAD, quando fora acusado, provada a sua culpa e merecida a condenação, mas que, por um ato de bondade, e não por algum mérito, teve a sua morte revogada, esse ato ficava conhecido como Misericórdia.

O justiceiro, quando condena o próximo, despreza o fato de que Deus é que conduz ao arrependimento. Ao condenar, fecha-lhe as portas para uma mudança de vida. Se esquece de que todos nós, que agora cremos e fazemos parte da Igreja, fomos alvos da grande misericórdia de Deus. Todos merecíamos a condenação, mas Ele, abrindo o CAD, nos libertou.

Os Norte-Americanos conhecem bem isto. Sua lei permite a pena de morte. Antes de ser executado o condenado fica no

corredor da morte. Não lhe resta nenhuma outra esperança, além da misericórdia do governador que tem o poder de revogar a decisão do juiz. Se ele revogar a decisão, mesmo sabendo da sua culpa, não será porque reconheceu sua inocência, mas porque resolveu dar-lhe uma nova oportunidade. Sua decisão será motivada única e absolutamente por misericórdia.

Todos nós fomos alvos da graça divina. Quando agimos como justiceiros, exigindo a condenação do pecador, nos esquecemos que se somos salvos é porque fomos alvos da imensa graça divina. Ao condenar ao próximo desprezamos o fato de que Deus pode fazer a mesma transformação na vida do acusado. Toda punição deve causar tristeza em nós.

Sabendo da nossa triste situação de miséria, em nossos pecados, Deus nos salvou. Ele sabia que em nós não havia nada de bom. Nossa natureza, estando caída, era rebelde e lutava contra quem podia nos salvar. Então, Deus nos "*Conduziu ao arrependimento*".

Já vimos que a fé foi um presente divino para que tivéssemos condições de tomar posse da salvação que Ele planejou e executou. Tendo recebido a fé, fomos capacitados a dizer: Eu creio! Cremos pela fé que Ele nos deu.

Agora estamos vendo que o arrependimento, que é o reconhecimento de que nossas atitudes foram erradas e ofensivas e a capacidade recebida de Deus para nos levantar e

tomar um novo caminho, santo e agradável a Deus, também vem de Deus. É um presente dEle. Deus nos guiou ao arrependimento para sermos salvos do mal que o pecado faz em nossa vida.

O arrependimento é o caminho para o abandono do erro e a retomada no caminho santo. Tendo reconhecido o mal provocado pelo pecado, o crente muda de direção, para Deus.

O texto deixa claro que condenar o culpado é negar-lhe a possibilidade de uma mudança de vida. É dizer que ele está perdido, sem levar em conta que, assim como Deus fez a nós, nos guiando ao arrependimento, que esse arrependimento não pode ocorrer com o nosso acusado.

O Legalista faz isto: Acusa, condena e pune severamente a pessoa acusada, na esperança de que a atenção seja direcionada para o acusado e, ele, o juiz pecador, fique livre de possíveis condenações. Por isso Paulo afirma: *“Pensas que te livrará do juízo de Deus?”* Não vai, com certeza!

Aí ele afirma: *“Ou desprezas a riqueza da sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento?”*

Paulo não nos quer agindo como legalistas. Ele ensina, primeiro, que não estamos habilitados a fazer julgamentos particulares; segundo que o julgamento, quando justo, deve ser feito lembrando que fomos alvos da misericórdia divina, e assim como tivemos uma nova oportunidade de mudança, também

estejamos dispostos a oferecer esta oportunidade, crendo que, assim como Deus nos levou ao arrependimento, também poderá levar o acusado, e assim ele poderá ter uma nova vida, em Cristo, como aconteceu conosco.

A Igreja deve ser hospitaleira. Ela é um hospital para tratamento das doenças da alma. Num hospital entra todo tipo de doentes e lá são tratados. Na Igreja também recebemos todos os tipos de enfermidades da alma e, assim como entramos nela doentes e estamos sendo tratados, temos de receber os outros enfermos, que como nós, vem a ela na esperança de ser curados pelo Senhor dela.

Por isso, a Igreja não é um tribunal, apesar de nela ter o tribunal competente, quando necessário. A Igreja é o lugar de enfrentar os males da alma e tratá-los. É lugar de paz. De restabelecer o equilíbrio. De ser amado. De receber o abraço, o suporte necessário para continuar andando e a companhia de pessoas que, como quem está chegando, um dia foi acolhida, respeitada e aprendeu a amar, com o amor recebido.

É por tudo isso que o julgamento, quando necessário, exige misericórdia. Você a recebeu. Ofereça-a aos demais.

Em terceiro lugar veremos que: **O JUSTICEIRO ATRAI A IRA DO JUIZ** - *“Mas, segundo a tua dureza e coração impenitente, acumulas contra ti mesmo ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus, que retribuirá a cada um*

segundo o seu procedimento: A vida eterna aos que, perseverando em fazer o bem, procuram glória, honra e incorruptibilidade; mas ira e indignação aos facciosos, que desobedecem à verdade e obedecem à injustiça. Tribulação e angústia virão sobre a alma de qualquer homem que faz o mal, ao judeu primeiro e também ao grego; glória, porém, e honra, e paz a todo aquele que pratica o bem, ao judeu primeiro e também ao grego. Porque para com Deus não há acepção de pessoas”.

Como você tem julgado os erros das pessoas que erram contigo? Qual tem sido a tua reação? Quão paciente ou impaciente você tem sido com quem erra? As respostas a essas perguntas definirão como você quer ser tratado quando errar. Não digo “se errar”, mas “quando errar”, pois, mais cedo ou mais tarde, todos erraremos.

Na oração Dominical, para despertar em nós a misericórdia, Jesus ensinou uma frase perturbadora: “*Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores*” (Mateus 6.12). O modo de julgamento contra nós será o modo como julgamos e condenamos a quem nos ofende.

Do modo como julgamos seremos julgados. Tiago disse: “*Falai de tal maneira e de tal maneira procedei como aqueles que não de ser julgados pela lei da liberdade. Porque o juízo é sem misericórdia para com aquele que não usou de misericórdia. A misericórdia triunfa sobre o juízo*” (Tiago 2.12,13).

Foi o que Paulo disse neste texto: “*Mas, segundo a tua dureza e coração impenitente, acumulas contra ti mesmo ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus, que retribuirá a cada um segundo o seu procedimento*” (O modo como julga).

Sabemos, pela Palavra de Deus, que aqueles por quem Cristo deu a Sua vida passaram a ter a entrada no céu garantida, pois Jesus, na cruz, levou sobre si todos os nossos pecados.

Mas aqueles que não conheceram o amor de Deus e não foram alvo da Sua misericórdia, agem com toda a dureza dos seus corações. E quando crentes agem como eles, são avisados do duro juízo de Deus contra os que agem deste modo.

Deus marcou um dia para julgar todos os pecados dos homens. Desde o início da história humana a humanidade está sendo preparada para este dia. Será um dia terrível. Todos serão expostos a todos os erros e acertos cometidos. Isto publicamente. Ninguém poderá dizer: Eu não tenho pecados.

Há quem duvide do céu e inferno. Há quem faça piadas sobre eles, mas um destes será o destino deles. Daniel 12.2, afirma que os mortos ressuscitarão “*Uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno*”.

Escrevendo aos Tessalonicenses, Paulo disse: “*Se, de fato, é justo para com Deus que ele dê em paga tribulação aos que vos atribulam e a vós outros, que sois atribulados, alívio, juntamente conosco, quando do céu se manifestar o Senhor*

Jesus, com os anjos do seu poder, em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus. Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder, quando vier para ser glorificado...” (2ª Tessalonicenses 1.6-10).

Neste texto Paulo fala sobre céu e inferno. Sobre tribulação e angústia. Um ou o outro será o destino de quem julga sem misericórdia. Quem rejeita a bondade de Deus e pisa em quem já se sente um lixo, pede para si a dureza divina quando vier para nos jugar.

Paulo fala da *“condenação, primeiro do judeu e também do grego. Depois fala das honras e glórias, primeiro do judeu e também do grego”*. Já falamos sobre isto num estudo anterior. Os judeus serão julgados primeiro porque eles conheceram a Deus primeiro. Os gentios só o conheceram depois da sua morte e ressurreição. Os judeus crentes receberão glórias primeiro, porque ao encontrá-lo reconheceram nEle o Senhor e Salvador.

Esse texto encerra assim: *“Porque para com Deus não há acepção de pessoas”*. Deus fez distinção entre homem e mulher? Fez! Não há na Bíblia uma única mulher como sacerdotisa, por exemplo. Somente entre os gentios, nos templos pagãos, é que elas existiam como sacerdotisas. Quando igrejas ordenam mulheres como pastoras elas não o fazem observando o princípio

bíblico, mas copiam o comportamento destes que ofendem a Deus. Deus deu ao homem e à mulher responsabilidades diferentes, mas não exclui ninguém do serviço prestado a Ele.

O que está sendo dito aqui, neste texto, é que Deus não julga a ninguém pela origem da sua família; se é homem ou mulher; se é rico ou pobre; se é branco ou negro, oriental ou ocidental; se é feio ou bonito; se é instruído ou tenha doutorado. Deus não faz acepção de pessoas. Ele julga a todos, igualmente. Quem julga fazendo distinção entre este ou aquele, receberá a justa ira e a indignação de Deus.

Em quarto lugar veremos que: **NINGUÉM ESCAPARÁ DO JUÍZO DE DEUS** - *“Assim, pois, todos os que pecaram sem lei sem lei perecerão; e todos os que com lei pecaram mediante lei serão julgados. Porque os simples ouvintes da lei não são justos diante de Deus, mas os que praticam a lei hão de ser justificados. Quando, pois, os gentios, que não têm lei, procedem, por natureza, de conformidade com a lei, não tendo lei, servem eles de lei para si mesmos. Estes mostram a norma da lei gravada no seu coração, testemunhando-lhes a consciência e os seus pensamentos, mutuamente acusando-se ou defendendo-se, no dia em que Deus, por meio de Cristo, julgar os segredos dos homens, de conformidade com o meu evangelho”*.

Há uma dúvida grande sobre a condenação de povos que vivem em tribos isoladas e nunca conheceram o evangelho. Em

se tratando da salvação, sabemos que o único modo de entrar no céu é tendo Jesus Cristo como Salvador. Ele é a única forma de acesso ao céu. Fora dEle não há outro atalho ou outro caminho.

Tendo este princípio em mente, a menos que Deus envie pessoas para pregar Cristo a eles, eles não terão como ser salvos, pois só Jesus é o Salvador.

Sabemos que as boas obras não salvam e muito menos a ignorância. A falta de conhecimento não é um modo de justificar. Se fosse, seria melhor que ninguém lhes pregasse o evangelho, pois assim todos seriam salvos. Justificação só é possível com o sangue de Jesus Cristo na cruz.

Mas e se eles forem condenados, Deus seria injusto com eles? Não! Esta é a questão deste texto: *“Assim, pois, todos os que pecaram sem lei sem lei perecerão; e todos os que com lei pecaram mediante lei serão julgados”*.

Já vimos no capítulo primeiro que todos os homens são indesculpáveis porque o que de Deus se pode conhecer lhes foi revelado. Deus se manifestou e, apesar disto, os homens decidiram não o adorar.

Mas alguém diria: Mas eles não conheceram a lei de Deus. Todos são conhecedores da lei. A lei está gravada no coração de todos os homens. Paulo afirma que gentios que agem de conformidade com a lei, não tendo lei, revelam a lei escrita nos seus corações.

Exemplo disto se vê no futebol. No futebol as pessoas não gostam de serem roubadas, mas quando o roubo lhes favorece, aprovam e não reclamam. Serão condenados, pois confirmam que roubar, mesmo no jogo, é errado.

Outro exemplo é quando alguém é alvo da violência. A vítima fica irada e quer vingança, mas se o agressor da vítima é um filho ou alguém a quem ama, logo procurará uma saída, um advogado para garantir a liberdade. Punição é só para os outros!

A lei está gravada no seu coração. Por isso Paulo afirmou: *“Quando, pois, os gentios, que não têm lei, procedem, por natureza, de conformidade com a lei, não tendo lei, servem eles de lei para si mesmos. Estes mostram a norma da lei gravada no seu coração, testemunhando-lhes a consciência e os seus pensamentos, mutuamente acusando-se ou defendendo-se, no dia em que Deus, por meio de Cristo, julgar os segredos dos homens, de conformidade com o meu evangelho”*.

Todos sabem o que é certo e errado. Quando os gentios defendem o que é justo, eles confirmam que a lei é boa, útil e necessária. Quando eles quebram a lei, mesmo sabendo que deviam agir de modo diferente, eles se rebelam contra a lei que está em seu coração, mesmo sendo acusados em suas consciências. Serão condenados, pois, sabendo que deveriam agir corretamente, agem contrários às suas consciências, escolhendo fazer o contrário daquilo que seria o certo.

Temos aqui um trecho que complica a posição defendida até agora: *“Porque os simples ouvintes da lei não são justos diante de Deus, mas os que praticam a lei hão de ser justificados”*.

Noutro texto Paulo já havia dito que os cumpridores da lei viverão por ela, levando-se em consideração que quem vive sob a lei não precisa temer a justiça, pois vive honestamente.

Neste texto ele diz que não basta ouvir a lei para ser justo, mas é preciso praticá-la, e, aí, afirma: *“Os que praticam a lei hão de ser justificados”*.

Já afirmei que a *“ignorância”* sobre a existência de Jesus, não é motivo para que um ignorante seja justificado e salvo. Agora o texto parece afirmar que a prática dos preceitos da lei seria uma forma do pecador ser justificado. Será que Paulo estaria ensinando isto?

O jovem rico, que foi à Jesus preocupado em como herdar a salvação, quis se justificar no cumprimento da lei, mas foi embora triste, pois não conseguiu a salvação por esse modo. Deus queria que ele cresse em Cristo, não em si mesmo.

Em Romanos 3.19,20, Paulo deixa claro: *“Ora, sabemos que tudo o que a lei diz, aos que vivem na lei o diz para que se cale toda boca, e todo mundo seja culpável perante Deus, visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado”*.

Ninguém conseguiu ou conseguirá cumprir a lei perfeitamente. Sempre quebrará algum preceito da lei. Por isso é que Paulo afirma que a lei revela o pecado em nós. Tendo revelado o pecado e a merecida punição, então nos vimos necessitados de um Redentor. Só ele pode mudar a nossa triste situação.

Em Gálatas 2.16, lemos: *“Sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois por obra da lei, ninguém será justificado”*.

O pecador, consciente do seu pecado e da merecida punição pelo seu erro, e conhecedor da dura justiça divina, tendo recebido fé para crer que Cristo deu sua vida e sendo guiado por Deus ao arrependimento, busca, então, a Cristo como Salvador e a ele entrega a sua vida, o obedecendo, não para conquistar a salvação pela obediência, mas grato por ter sido conquistado por Deus, por seu amor.

No capítulo primeiro de Romanos já foi dito que o homem é indesculpável porque Deus se revelou. O homem será condenado porque se rebelou, e, portanto, a manifestação da ira de Deus é justa contra todos os que não o reconhecerem como Deus. Deus julgará os homens, num dia que escolheu e determinou para esse julgamento.

Jesus nunca autorizou “*quem quer que sejas*” a julgar outros. Não deu a nenhum particular o direito de julgar. Cabe a nós aconselhar, corrigir, admoestar, mostrar o erro para que o pecador se corrija, e caso não se corrija, deve ser entregue, denunciado às autoridades, para que estas, com a devida autoridade, julgue o acusado.

Neste estudo tratamos sobre:

O MODO CERTO DE JULGAR.

Vimos que:

- **NINGUÉM ESTÁ HABILITADO A JULGAR O PRÓXIMO;**
- **O JULGAMENTO EXIGE MISERICÓRDIA;**
- **O JUSTICEIRO ATRAI A IRA DO JUIZ;**
- **NINGUÉM ESCAPARÁ DO JUÍZO DE DEUS.**

Irmãos, temos uma incumbência divina extraordinária, que é pregar o evangelho. O evangelho não julga ou condena, mas prega que Cristo se condenou no nosso lugar. Um dia todos seremos julgados, Ele nos julgará.

Temos de propagar a boa nova de salvação, pregando contra o pecado sim, mas chamando pecadores ao arrependimento. Deixe o julgamento para quem está apto a julgar.